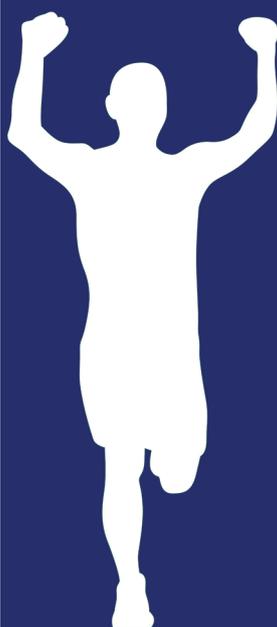


A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO ÁREA DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Lucio Marques Vieira Souza
(Organizador)

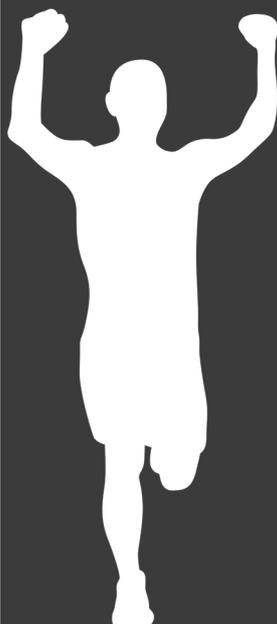
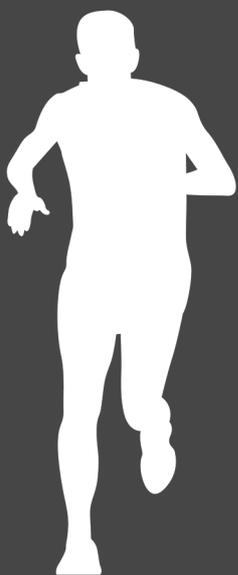


Atena
Editora

Ano 2020

A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO ÁREA DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Lucio Marques Vieira Souza
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>A educação física como área de investigação científica [recurso eletrônico] / Organizador Lucio Marques Vieira Souza. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-045-2 DOI 10.22533/at.ed.452201505</p> <p>1. Educação física – Pesquisa – Brasil. I. Souza, Lucio Marques Vieira.</p> <p style="text-align: right;">CDD 613.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação e responsabilidade que apresentamos a Coletânea “A Educação Física como Área de Investigação Científica” que reúne 23 artigos abordando vários tipos de pesquisas e metodologias que tiveram contribuições significativas de professores e acadêmicos das mais diversas instituições de Ensino Superior do Brasil.

O objetivo principal é apresentar os avanços e atualidades da área e para isto a obra foi dividida em 03 principais eixos temáticos: Educação Física Escolar do capítulo 1 ao 5; Esportes, Projetos e Educação Física Inclusiva, do capítulo 6 ao 13; e Atividade Física e Saúde, entre os capítulos 14 e 23. Estruturada desta forma a obra demonstra a pluralidade acadêmica e científica da Educação Física, bem como a sua importância para a sociedade.

Neste sentido, nos capítulos constam estudos que tratam de temas desde a influência do smartphone e da violência no contexto escolar, desenvolvimento e desempenho motor de crianças, esportes variados, sedentarismo, capacidades físicas, nível de qualidade de vida e atividade física em idosos ao tradicional treinamento resistido. Portanto, a presente obra contempla assuntos de importante relevância.

Agradecemos a Atena Editora que proporcionou que fosse real este momento e da mesma forma convidamos você Caro Leitor para embarcar na jornada fascinante rumo ao conhecimento.

Lucio Marques Vieira Souza

CAPÍTULO 1	1
A INFLUÊNCIA DO USO DO SMARTPHONE EM ESCOLARES: UM ESTUDO PILOTO	
Elaine Fernanda Dornelas de Souza Giovanna Santana Goes Sueyla Fernandes da Silva dos Santos Ismael Forte Freitas Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.4522015051	
CAPÍTULO 2	16
CORRELAÇÃO ENTRE A IDADE CRONOLÓGICA, O ESTADO MOTOR E DESEMPENHO DO SALTO VERTICAL DE CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR	
Jomilto Luiz Praxedes dos Santos Sergio Medeiros Pinto Igor da Silveira Carvalho Tainá de Sousa Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4522015052	
CAPÍTULO 3	25
EDUCAÇÃO FÍSICA E SAÚDE NA ESCOLA: BENEFÍCIOS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO FUNDAMENTAL	
Maria Eduarda da Silva Wellington Manoel da Silva José Aryelson dos Santos da Silva Josenilson Felix da Silva Thuani Lamenha Costa Geraldo José Santos Oliveira Thais Roberta da Cruz Tavares Mayara Joana Mendonça da Silva Elaine Rufino Barbosa da Silva Gabriela Maria da Silva Lívia Maria de Lima Leoncio Gilberto Ramos Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.4522015053	
CAPÍTULO 4	28
ESTÁGIO E A FORMAÇÃO DOCENTE: A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Gilberto Ramos Vieira Haroldo Moraes de Figueiredo Iberê Caldas Souza Leão Viktor Hugo Cavalcanti Correia Fagner Lucas Borba Guerreiro Myllison Silas Ferreira dos Santos Milena de Lima Moura Bruno Tavares Félix do Nascimento Wesllen Mneclisis Silva de Oliveira Nataly do Nascimento Silva Ítalo Vinícius Tabosa Guimarães Matias Maria Isadora Vilarim de Alencar Pires	
DOI 10.22533/at.ed.4522015054	

CAPÍTULO 5 39

**RELAÇÃO ENTRE MATURAÇÃO SEXUAL E MEDIDAS DE DIMENSÃO CORPORAL
COM APTIDÃO FÍSICA RELACIONADA A SAÚDE EM ESCOLARES**

Hugo Martins Teixeira
Marlene Aparecida Moreno

DOI 10.22533/at.ed.4522015055

ESPORTES, PROJETOS E EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA

CAPÍTULO 6 55

**DANÇANDO NO ESCURO: ATIVIDADES RÍTMICAS E EXPRESSIVAS PARA
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Súsel Fernanda Lopes
Suelen Cristina Cordeiro

DOI 10.22533/at.ed.4522015056

CAPÍTULO 7 68

LUTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES

Fabricio Xavier do Carmo
José Antonio Vianna

DOI 10.22533/at.ed.4522015057

CAPÍTULO 8 78

**O CIRCO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA EXPERIÊNCIA NA CIDADE DE
GOIÂNIA**

Lívia Vaz Soares
Michelle Ferreira de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.4522015058

CAPÍTULO 9 87

**O EFEITO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA SOBRE OS ASPECTOS PSICOMOTORES
EM CRIANÇAS DE 5 A 6 ANOS**

Maria Eduarda Bezerra de Sá
Thalya Wendy Aguiar Barbosa
Renato de Vasconcellos Farjalla
Ricardo Gonçalves Cordeiro.

DOI 10.22533/at.ed.4522015059

CAPÍTULO 10 96

**POLÍTICAS PÚBLICAS INCLUSIVAS NO ESPORTE DE BASE PARA CRIANÇAS E
ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA: O CASO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO**

Rodrigo Roah Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.45220150510

CAPÍTULO 11 126

**PRODUÇÕES CULTURAIS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO PROJETO
BRINCAR É O MELHOR REMÉDIO**

André da Silva Mello
Emmily Rodrigues Galvão

Luciene Sales Sena
Luísa Helmer Trindade
Sara de Paula Couto Bertolo
Sílvia Neves Zouain

DOI 10.22533/at.ed.45220150511

CAPÍTULO 12 139

PROGRAMA MINI-TÊNIS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Flávia Évelin Bandeira Lima
Mariane Aparecida Coco
Walcir Ferreira Lima
Vitória Gabrielly Ribeiro
Fellipe Bandeira Lima
Amanda Santos
Mariane Lamin Francisquinho
Diego Freitas do Nascimento
Sílvia Bandeira da Silva Lima

DOI 10.22533/at.ed.45220150512

CAPÍTULO 13 148

PROJETO DE ATIVIDADES AQUÁTICAS (PRÓ-AQUÁTICA)

Aryanne Hydeko Fukuoka Bueno
Sílvia Bandeira da Silva Lima
Flávia Évelin Bandeira Lima
Andreza Marim do Nascimento
Aline Gomes Correia
Matheus de Paula Bandeira e Silva
Marcela Elânia Alves Corrêa
Matheus Felipe Sosnitzki da Silva Félix
Walcir Ferreira Lima

DOI 10.22533/at.ed.45220150513

CAPÍTULO 14 153

AS CAPACIDADES FÍSICAS NECESSÁRIAS PARA O TRABALHO POLICIAL: UM ESTUDO NA POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ

Ronaldo César Falq Chinatto
Rafael Gomes Sentone

DOI 10.22533/at.ed.45220150514

ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE

CAPÍTULO 15 169

ATIVIDADES COM IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS: UM OLHAR SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ariane Capela Mendes
Suelen Suane Bezerra Resque
Patrícia do Socorro Chaves de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.45220150515

CAPÍTULO 16 182

ATIVIDADES FÍSICAS RELAÇÕES COM A EVOLUÇÃO HUMANA E PROCESSOS ADAPTATIVOS DO CORPO HUMANO

Célio Roberto Santos de Souza

Kátia Silene Silva Souza
Almir de França Ferraz
Álvaro Adolfo Duarte Alberto
Maria Luiza de Jesus Miranda
Eliane Florêncio Gama
Aylton José Figueira Junior

DOI 10.22533/at.ed.45220150516

CAPÍTULO 17 192

**CORRELAÇÃO ENTRE A PRÁTICA DE EXERCÍCIO FÍSICO E A PREVALÊNCIA DE
DESCONFORTO/DOR EM AGENTES DE COMBATE A ENDEMIAS DE GUANAMBI-
BA**

Janne Jéssica Souza Alves
Suelen Oliveira
Paula Keeturyn Silva Santos

DOI 10.22533/at.ed.45220150517

CAPÍTULO 18 202

INVESTIGAÇÃO DA ATIVIDADE FÍSICA E DO ZUMBIDO EM INDIVÍDUOS IDOSOS

Jessica Aparecida Bazoni
Luciana Lozza de Moraes Marchiori
Karina Couto Furlanetto

DOI 10.22533/at.ed.45220150518

CAPÍTULO 19 216

**NÍVEL DE QUALIDADE DE VIDA QUANTO A CAPACIDADE FUNCIONAL E A
PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA NA TERCEIRA IDADE**

Flávia Évelin Bandeira Lima
Vitória Gabrielly Ribeiro
Sílvia Bandeira da Silva Lima
Mariane Aparecida Coco
Fellipe Bandeira Lima
Amanda Santos
Mariane Lamin Francisquinho
Diego Freitas do Nascimento
Walcir Ferreira Lima

DOI 10.22533/at.ed.45220150519

CAPÍTULO 20 229

**RODA DE TAMBOR QUILOMBOLAS E SUA RELAÇÃO COM A RESISTÊNCIA
MUSCULAR**

Vivianne Carvalho Moura
Patrícia Ribeiro Vicente
Luciano Silva Figueirêdo
Janaína Alvarenga Aragão
Juliana Barbosa Dias Maia
Ermínia Medeiros Macêdo
Saara Jane Santos Batista Lustosa
Patrícia Maria Santos Batista
Verônica Lourdes Lima Batista Maia
Evandro Alberto de Sousa
Igor Alcenor Granja de Moura

CAPÍTULO 21 241

SEDENTARISMO: ÍNDICE PRESENTE ENTRE GRADUANDOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

José Cícero Cabral de Lima Júnior
Keila Teixeira da Silva
Eugênio Lívio Teixeira Pinheiro
Lidiane dos Santos Fernandes
João Marcos Pereira de Castro
Igor Leandro Rodrigues Monteiro
César Iúryk Biserra Silva
Sílvia Leticia Ferreira Pinheiro
Rafaella Bezerra Pinheiro
Yarlon Wagner da Silva Teixeira
Andreza Dantas Ribeiro Macedo
Sheron Maria Silva Santos

DOI 10.22533/at.ed.45220150521

CAPÍTULO 22 253

TREINAMENTO RESISTIDO X ENVELHECIMENTO

Danieli Tefili Rossa
Jéssica Pinheiro
Lia Mara Wibelinger

DOI 10.22533/at.ed.45220150522

CAPÍTULO 23 261

A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO ESTADO DE GOIÁS

Leandro Jorge Duclos da Costa
Cristiane Jesus Fróes Arantes
Larissa de Oliveira e Ferreira
Paola Batista Paranaíba
Roner Soares da Silva
Alexsander Augusto da Silveira

DOI 10.22533/at.ed.45220150523

SOBRE O ORGANIZADOR..... 273

ÍNDICE REMISSIVO 274

PRODUÇÕES CULTURAIS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO PROJETO BRINCAR É O MELHOR REMÉDIO

Data de aceite: 06/05/2020

Data de submissão: 17/02/2020

André da Silva Mello

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Vitória – Espírito Santo

<http://lattes.cnpq.br/1466918874732141>

Emmily Rodrigues Galvão

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Vitória – Espírito Santo

<http://lattes.cnpq.br/8383833925075343>

Luciene Sales Sena

Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil
(ACACCI)

Vitória – Espírito Santo

<http://lattes.cnpq.br/3989251087701000>

Luísa Helmer Trindade

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Vitória – Espírito Santo

<http://lattes.cnpq.br/5419324818770955>

Sara de Paula Couto Bertolo

Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil
(ACACCI)

Vitória – Espírito Santo

<http://lattes.cnpq.br/6275686701145109>

Silvia Neves Zouain

Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil
(ACACCI)

Vitória – Espírito Santo

<http://lattes.cnpq.br/7230983248081896>

RESUMO: Analisa as produções culturais empreendidas por crianças e adolescentes nos jogos e brincadeiras ofertados pelo Projeto Brincar é o Melhor Remédio. Trata-se de uma Pesquisa-Ação Existencial, que utiliza como fontes a observação participante, os registros fotográficos e as enunciações, que foram sistematizados em diário de campo. Os sujeitos da pesquisa são 25 crianças e adolescentes, entre 4 e 16 anos de idade, e seis profissionais de diferentes áreas que trabalham na Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil. Os pressupostos da Sociologia da Infância e dos Estudos com o Cotidiano orientaram as análises dos dados produzidos. Os resultados indicam que as crianças e os adolescentes não absorvem passivamente os jogos e as brincadeiras ofertados pelo projeto investigado, pois, por meio do processo de reprodução interpretativa, eles transformam essas manifestações da cultura lúdica, imprimindo nelas as suas subjetividades e autorias. Reconhecer e valorizar essas produções contribui para consolidar uma forma de brincar centrada nos interesses, necessidades e possibilidades de crianças e adolescentes em tratamento oncológico.

PALAVRAS-CHAVE: Produções culturais. Crianças. Adolescentes. Jogos. Brincadeiras.

CHILDREN AND TEENAGERS' CULTURAL PRODUCTIONS HELD BY THE PLAYING IS THE BEST REMEDY PROJECT

ABSTRACT: The work analyzes the cultural productions undertaken by children and teenagers during games and fun activities offered by the Project Playing is the Best Remedy. It is about an Existential Research-Action, which uses as sources the participant observation, photographic records and enunciations that have been systematized in a field diary. The research subjects are 25 children and teenagers, between 4 to 16 years old, and six professionals belonging to different areas and working at the Association against Children's Cancer in the State of Espírito Santo. The assumptions of the Children's Sociology and the Studies with the Daily Life orientate the analysis of the data produced. Results indicate that children and teenagers do not passively absorb the games and playful activities offered by the investigated Project, thereby, through the process of interpretative reproduction, they transform those manifestations of the ludic (playful) culture, printing their subjectivities and authorships. The acknowledgment and value of those productions contribute to consolidate a way of playing considered more centered on the interests, needs and possibilities of the children and teenagers undergoing oncologic treatment.

KEYWORDS: Cultural productions. Children. Teenagers. Games. Fun activities.

1 | INTRODUÇÃO

Os jogos e as brincadeiras são importantes aliados de crianças e adolescentes no enfrentamento do câncer (AZEVEDO, 2011; DEPIANTI, et al., 2014; CARVALHO et al., 2018). Equipes multidisciplinares, compostas por profissionais de diferentes áreas, têm mobilizado as manifestações da cultura lúdica em suas intervenções no processo de tratamento oncológico (INCA, 2017). Em decorrência dos benefícios e contribuições que o brincar traz para as crianças e adolescentes enfermos, foi instituída a Lei nº 11.104 (BRASIL, 2005), que determina a obrigatoriedade de brinquedotecas em hospitais que atendem o público infanto-juvenil.

Apesar do brincar ser reconhecido como direito inalienável das crianças e dos adolescentes (BRASIL, 1990), Tolocka et al. (2019) verificaram que os jogos e as brincadeiras têm sido utilizados, majoritariamente, como meio de adesão ao tratamento. Há uma apropriação utilitarista das atividades lúdicas, com pouca margem para que as crianças e adolescentes manifestem as suas subjetividades, criatividade e autorias nas relações com essas atividades. Sem negar as contribuições dos jogos e das brincadeiras no processo de adesão ao tratamento, ressaltamos a necessidade do brincar também se manifestar como um direito no cotidiano dessas crianças e adolescentes, de modo a considerar os seus desejos. Para Redin (2009, p. 123):

A dimensão lúdica humana, caracterizada pela liberdade de imaginar, fantasiar e poetizar o mundo, e que está na base de todo processo de criação, está cada vez

mais restrita e institucionalizada.

A perda da autonomia e do controle sobre as próprias vidas são características comuns às crianças e adolescentes em tratamento oncológico. Em decorrência das asperezas, vulnerabilidades e restrições que incidem sobre elas no processo de enfrentamento da enfermidade, suas rotinas são administradas por médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, assistentes sociais, dentre outros profissionais, além dos próprios familiares. Na intenção de romper com esse quadro e restituir um pouco da autonomia e do controle sobre si, pelo menos nos momentos das brincadeiras, o Projeto Brincar é o Melhor Remédio (PBMR), desenvolvido na Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil (ACACCI), promove um brincar centrado nas crianças e nos adolescentes, buscando reconhecer e valorizar as suas agências,¹ protagonismos e produções culturais nas relações que estabelecem com os jogos e as brincadeiras. Para Tolocka et al. (2019, p. 433), no caso da criança com câncer, é preciso:

[...] resgatar o direito ao brincar, independentemente de ser um facilitador de tratamentos, para que se busque o brincar libertário, que aumenta possibilidades de escolhas, inclusive a de não brincar, ou de brincar de outras brincadeiras que não as tidas como facilitadoras de adesão ao tratamento e até de brincar pelo prazer de brincar mesmo em possibilidade de morte eminente, como pode ocorrer em casos mais agravados de câncer infantil.

Ao questionar os métodos descritivos na análise dos elementos que caracterizam os jogos e as brincadeiras, que são aplicados por um observador externo às atividades lúdicas, Freire (2005), apoiado na fenomenologia, defende que a subjetividade é a principal categoria constituinte dessas atividades. Para ele, não é a atividade em si que a define como jogo ou brincadeira, mas a maneira com os indivíduos se relacionam com ela. Não raro, observamos crianças inseridas em atividades lúdicas, sobretudo no contexto escolar, mas que não estão brincando ou jogando, pois as relações estabelecidas com os jogos e a brincadeiras não são de prazer, de autodeterminação e de livre escolha.

Para Certeau (2014), os indivíduos não assimilam passivamente os bens culturais que lhes são ofertados, pois sempre há uma estética da recepção, em que eles transformam esses bens por meio de usos e apropriações singulares. Portanto, denominamos de “produções culturais” todo processo de apropriação e ressignificação empreendido por crianças e adolescentes nos jogos e brincadeiras mediados pelo PBMR, que denotam práticas autorais e autônomas, concretizando, dessa forma, possibilidades de escolhas. Reconhecer e valorizar essas produções culturais nas mediações pedagógicas configura-se como alternativa para restituir um pouco de autonomia na vida de indivíduos que enfrentam severas restrições e

1 Agência: ser agente de si. Capacidade de agir com liberdade e autonomia.

privações.

Diante do cenário apresentado, este capítulo tem como objetivo analisar as produções culturais que crianças e adolescentes empreenderam nos jogos e brincadeiras mediadas pelo PBMR, configurando práticas inventivas e criativas nas relações estabelecidas com essas manifestações da cultura lúdica infanto-juvenil.

2 | PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A Pesquisa-Ação Existencial (BARBIER, 2004) foi à metodologia empregada neste estudo. Toda pesquisa-ação almeja a transformação de uma determinada realidade. No caso desta pesquisa, a realidade transformada foi o cotidiano do PBMR, que passou a considerar as crianças e adolescentes atendidos como coconstrutores das mediações pedagógicas, ao considerar as suas subjetividades e produções culturais nas ações desenvolvidas.

Diferentemente de outros modelos de pesquisa-ação, como as propostas de Ibiapina (2008) e Thiollent (1986), a perspectiva apresentada por Barbier (2004) pressupõe que as mudanças a serem empreendidas não estão dadas *a priori*. É no fluxo das ações, nas interações e interlocuções estabelecidas pelos praticantes de um determinado cotidiano, que as decisões são tomadas. O que se tem de antemão são princípios a serem efetivados, contudo, a forma como isso ocorrerá só é definida no processo da ação, que é o foco da investigação.

O PBMR (PROEX/UFES nº 584) é desenvolvido, desde março de 2017, por meio da parceria firmada entre o Núcleo de Aprendizagens com as Infâncias e seus Fazeres (NAIF), do Centro de Educação Física e Desportos, da Universidade Federal do Espírito Santo, e a ACACCI e tem como meta principal proporcionar a vivência de atividades lúdicas, por meio de jogos e brincadeiras para as crianças que são acolhidas pela referida instituição durante o tratamento oncológico.

A vivência de jogos e brincadeiras no Projeto tem uma periodicidade semanal, com mediações realizadas quartas e quintas-feiras, das 14 às 17 horas. O público-alvo é composto por crianças e adolescentes, de 4 a 16 anos de idade, que estão em tratamento oncológico e que são acolhidas pela ACACCI. As mediações são realizadas em diferentes espaços da instituição, sobretudo, na brinquedoteca e no pátio interno. O PBMR busca permanente diálogo entre as áreas do conhecimento (Educação Física, Serviço Social e Pedagogia) e sujeitos presentes no cotidiano da ACACCI, promovendo, assim, uma abordagem interdisciplinar em suas ações.

Diferentes jogos e brincadeiras são mobilizados no processo de mediação pedagógica, considerando as possibilidades, as necessidades e os interesses das crianças. As mediações pedagógicas ocorrem via brincadeiras historiadas, com predomínio das situações de faz de conta; por meio de brinquedos e brincadeiras

populares, com ou sem materiais estruturados; e pelos brinquedos cantados, parlendas, construção de brinquedos e brincadeiras com os esportes, dentre outras manifestações da cultura lúdica infanto-juvenil. As atividades são desenvolvidas sempre com base nos diálogos e nas interações com as crianças e com os adolescentes participantes, acolhendo as suas vozes, representações e sentidos construídos nas relações com os jogos, com as brincadeiras e com os outros sujeitos envolvidos.

A pesquisa foi realizada nos anos de 2018 e 2019, totalizando 76 mediações pedagógicas. Participaram, aproximadamente, 25 crianças e adolescentes, entre 4 e 16 anos, e seis profissionais de diferentes áreas (Educação Física, Pedagogia e Serviço Social) que trabalham na ACACCI. Os dados foram produzidos por meio de observação participante, registros fotográficos e enunciações – fala em ato (CERTEAU, 2014) – e sistematizados em diário de campo. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UFES (Parecer nº 2.650.946).

No processo de análise, os dados produzidos em diferentes fontes dialogaram com os pressupostos da Sociologia da Infância (SARMENTO, 2013; CORSARO, 2009, 2011) e dos Estudos com o Cotidiano (CERTEAU, 2014). Com a Sociologia da Infância, buscamos superar o olhar adultocêntrico que historicamente incide sobre as crianças e que as coloca em condição de subalternidade em relação aos adultos. Já os Estudos com o Cotidiano ajudam-nos a reconhecer e dar visibilidade às agências das crianças, concebendo-as como sujeitos capazes de pensar e agir sobre si mesmos.

Operamos com a ideia de “episódios de interação”, proposta por Pedrosa e Carvalho (2005), que focaliza, no processo de análise dos dados, casos que são prototípicos e significativos em relação ao objeto de estudo. Nessa direção, trouxemos três casos expressivos acerca das produções culturais de crianças e adolescentes no PBMR: o “vôlei na vera”,² o jogo do labirinto e o “goliche”.

3 | PRODUÇÕES CULTURAIS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO PBMR

Crianças e adolescentes em tratamento oncológico são capazes de produzir cultura nas suas relações com os jogos e as brincadeiras? Como sujeitos em condições físicas e emocionais tão adversas conseguem se relacionar de forma criativa e autoral com as atividades lúdicas? É possível haver alguma forma de protagonismo em indivíduos tão debilitados física e emocionalmente? Essas foram algumas indagações que nos desafiaram no início da pesquisa.

Com base nos Estudos com o Cotidiano (CERTEAU, 2014), direcionamos o

2 “Vera” é uma expressão da cultura capixaba, que indica que um jogo é disputado e acirrado.

nosso olhar para as práticas ordinárias das crianças e adolescentes que frequentam o PBMR. Para Certeau, as práticas são signatárias de três dimensões indissociáveis: a ética, a estética e a polêmica. A ética diz respeito à necessidade histórica de existir. Por maior que sejam os desafios impostos pela enfermidade, crianças e adolescentes vão buscar meios para efetivar o seu direito e necessidade de brincar. As formas inovadoras e originais de brincar, que estão em convergência com as suas expectativas e possibilidades, dizem respeito à dimensão estética. Já a dimensão polêmica refere-se às relações assimétricas de poder, muitas vezes impostas pelos adultos, que impedem que as crianças brinquem da maneira que desejam, sob o argumento que vão se machucar ou impõem algum tipo de brincadeira que julgam ser mais adequada para elas. Contudo, por meio de diferentes linguagens, sobretudo a corporal, crianças e adolescentes resistem a essa lógica e “[...] com seus corpos e com as suas espontaneidades, problematizam e questionam esses modelos centrados nos adultos” (FINCO; OLIVEIRA, 2011, p. 72).

Assim, para perceber e compreender as produções culturais das crianças e adolescentes, tão importante como “dar voz” a eles, é conceder-lhes “ouvidos”. Crianças e adolescentes, mesmo enfermos, constantemente produzem cultura em suas atividades lúdicas. Para reconhecer e valorizar essas produções, é necessário desenvolver uma escuta sensível e um olhar atento para as pistas e indícios que frequentemente são disponibilizados por eles através de diferentes linguagens. Nas relações com crianças/adolescentes, Corsaro (2005) sugere que adultos adotem uma postura reativa. Essa postura pressupõe comportamentos menos expansivos e invasivos por parte dos adultos, esperando que o público infanto-juvenil reaja a sua presença.

Por diversos motivos, como fadiga física e mental, insegurança, medo e tristeza, geralmente crianças e adolescentes em tratamento oncológico apresentam comportamentos introspectivos/aversivos e não estão muito propensos às relações interpessoais. Por isso, se aproximar de maneira cautelosa e discreta é recomendável. É importante que as crianças/adolescentes percebam os mais velhos como “adultos atípicos” (CORSARO, 2005), que não estão ali para controlá-las ou para impor a sua vontade. Por meio dessa postura, gradativamente, fomos adquirindo confiança e respeito desse público e tivemos acesso aos seus “universos lúdicos”. A seguir, descrevemos e analisamos alguns episódios de interação que denotam as produções culturais de crianças e adolescentes no PBMR.

“Vôlei na vera”: No ano de 2018, as crianças e adolescentes que frequentaram o PBMR solicitaram a prática de esportes. Era um ano de Copa do Mundo e eles estavam bastante impactados e empolgados com essa competição. Para atender o desejo deles, foi empregada a ideia de transposição didática, em que os esportes foram transformados e adaptados para se adequarem as possibilidades dos

participantes do PBMR. Nesse sentido, o futebol, o basquete e o atletismo foram ressignificados por meio de jogos esportivos, tendo o seu grau de complexidade e o risco de acidentes reduzidos, para que as crianças/adolescentes pudessem vivenciá-los.

Contudo, um grupo de crianças e adolescentes queria vivenciar o jogo de vôlei “pra valer”, com a competição inerente à prática esportiva. Tal fato deixou os gestores do PBMR preocupados, pois eles temiam que ações mais enérgicas pudessem causar acidentes. Essa preocupação foi comunicada às crianças e adolescentes, que, em uma ação conjunta com os gestores do Projeto, construíram procedimentos para que o jogo competitivo transcorresse com riscos controlados, tais como: utilização de uma bola grande e leve, que devido ao peso e a velocidade de deslocamento, reduziu os danos do impacto; a altura da rede e o tamanho do campo foram alterados (jogos reduzidos); e só foram utilizadas habilidades específicas (manchete e toque) em que a bola era tocada de baixo para cima e a sua trajetória descrevia uma parábola. Foi acordado que a cortada não seria permitida, para evitar acidentes.

Com essas alterações, empreendidas em parceria com as crianças e adolescentes, o jogo ocorreu sem problemas e eles puderam vivenciar a emoção e a excitação que os jogos de *âgon* (CAILLOIS, 1990) – disputa, competição e triunfo – proporcionam. Segundo a Sociologia da Infância, as crianças devem ser auscultadas sobre os seus modos de vida, bem como devem ser reconhecidas como protagonistas em suas jornadas (SARMENTO, 2013). Ao consultar as crianças e os adolescentes do PBMR sobre os seus interesses e maneiras de alcançá-los, práticas inventivas e autorais se manifestaram, evidenciando as agências desses sujeitos sobre as suas próprias vidas.

O jogo de vôlei foi realizado na brinquedoteca, que teve o seu ambiente alterado para que essa ação ocorresse. A brinquedoteca da ACACCI deixou de ser um lugar de brincadeiras silenciosas e calmas, tornando-se uma “arena” de acentuada disputa esportiva. De acordo com Certeau (2014), o lugar se configura pela ordem e pela utilização previamente estabelecida. Já os espaços são os lugares praticados, que são reelaborados em função dos usos e apropriações que os sujeitos deles fazem. A Imagem 1, apresentada a seguir, demonstra o jogo de vôlei realizado na brinquedoteca:



Imagem 1 – Vôlei na brinquedoteca

Fonte: Os autores

Ao assumir os jogos e as brincadeiras não apenas como um meio de adesão ao tratamento, mas como um direito pelo qual crianças e adolescentes manifestam as suas subjetividades, inventividades e protagonismo, o PBMR potencializa experiências para que esses sujeitos tenham um pouco de autonomia e controle sobre as suas próprias ações. Como afirma Redin (2009, p.123):

Brincar, portanto, deixa de ser somente um direito para se tornar o espaço de liberdade, de criação. Através da brincadeira a criança mergulha na vida, criando um espaço que expressa, que atribui sentido e significado aos acontecimentos. Brincar também é uma forma de buscar estabilidade emocional, pois certas brincadeiras trazem os elementos para lidar com os medos, a angústia, a surpresa, o abandono, o poder, que são emoções necessárias ao convívio coletivo, ao convívio de pares.

Jogo do labirinto: outro importante episódio de interação, que revela as produções culturais de crianças e adolescentes no PBMR, ocorreu por meio de jogos e brincadeiras que utilizam as novas tecnologias. Ao perceber o interesse de crianças e adolescentes pelos dispositivos tecnológicos (smartphones, tablet, computadores, Nintendo Wii), o PBMR desenvolveu um projeto que articulou os jogos virtuais com os presenciais. O projeto se apoiou nos pressupostos de Fantin (2012, p. 439) sobre novas tecnologias, que preconiza: “A mobilidade, portabilidade e a conectividade dessas novas formas permitem maior autonomia em relação aos consumos midiáticos e a interatividade provocada pelos “novos meios” promove outros tipos e práticas de consumo”.

A proposta relacionou as novas tecnologias com as práticas brincantes dos sujeitos, possibilitando que os mesmos vivenciassem os jogos eletrônicos e, em seguida, experimentassem corporalmente o que haviam aprendido no ambiente virtual. Para ampliar as possibilidades de utilização das tecnologias, o PBMR

desenvolveu uma Mostra de fotos e vídeos a partir das produções de crianças e adolescentes acolhidos pela ACACCI. Para isso, os sujeitos teriam a experiência de manusear câmeras fotográficas e *smartphones*, com o objetivo de produzirem o material que comporia a Mostra.

Essa Mostra se ancorou no conceito de *tecnoator*, proposto por Di Felice (2011). Para o autor, a partir dos anos 2000, simultaneamente as possibilidades que a internet ofereceu aos seus usuários, o acesso às tecnologias, como câmeras digitais e *smartphones*, foi facilitado. Com isso, os sujeitos começaram a produzir os seus próprios conteúdos e, posteriormente, os colocaram para circular na internet, a fim de serem contemplados por outras pessoas.

A revolução comunicativa digital introduz, pela primeira vez na história da humanidade, um modelo comunicativo rizomático, baseado no sistema de rede que, anulando a distinção identitária entre emissor e receptor, oferece a todos os internautas (tecnoatores) o mesmo poder comunicativo de igual oportunidade de acesso, mas, sobretudo, ela inaugura um tipo de interação que ativa a comunicação e a torna possível somente no interior das interações dinâmicas entre interfaces, redes e internautas, conferindo a estes últimos o papel de construtores de informações e [...] de produtores de conteúdo (DI FELICE, 2011, p. 116).

O projeto contou com diferentes produções de crianças e adolescentes, assim como de seus familiares. Algumas categorias de filmes e fotos foram elencadas *a priori*, com a perspectiva de orientar as criações para a Mostra. Porém, no decorrer dos encontros, novas ideias surgiram e os participantes puderam desenvolver suas produções culturais de maneira autoral e compartilhada com os seus colegas. A Mostra, intitulada “Imagens que me Encantam”, foi realizada no Cine Metrópolis da UFES. A Imagem 2, apresentada a seguir, demonstra o convite para esse evento:



Imagem 2 – Convite da Mostra “Imagens que me Encantam”

Fonte: Os autores

Dentre as inúmeras produções exibidas na Mostra, uma despertou especial

atenção, por materializar, de maneira contundente, o protagonismo de uma criança participante do PBMR. Trata-se de um jogo virtual, criado de forma autoral, com base nas informações e dispositivos tecnológicos mediados pelos gestores do Projeto. A criança aliou os seus conhecimentos anteriores, com as novas informações e plataformas disponibilizadas, para criar o “Jogo do Labirinto”, que surpreendeu a todos participantes da Mostra. A Imagem 3, demonstrada parte desse jogo:

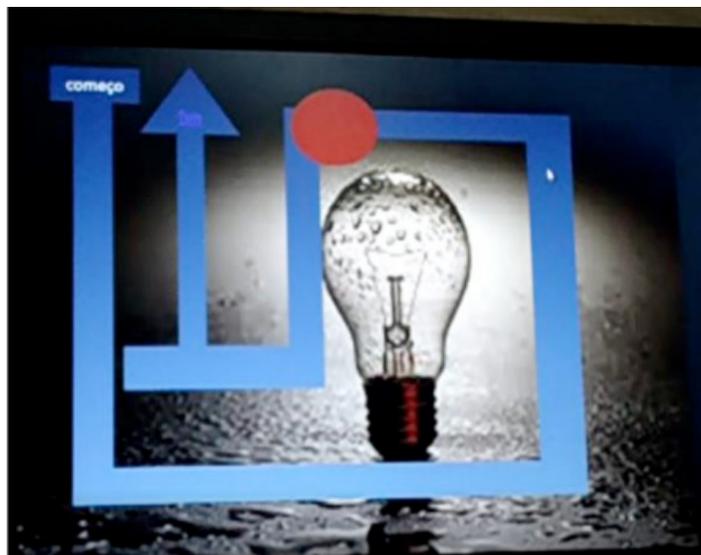


Imagem 3 – Jogo do Labirinto

Fonte: Os autores

A produção cultural, acima relatada, associa-se ao que Corsaro (2009) denominou de *reprodução interpretativa*. Para ele, as crianças se apropriam de maneira criativa e autoral da cultura adulta, produzindo, assim, as suas próprias culturas. Nas palavras do próprio autor:

O termo interpretativa captura os aspectos inovadores da participação das crianças na sociedade, indicando o fato de que as crianças criam e participam de suas culturas de pares singulares por meio de apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses próprios enquanto crianças. O termo reprodução significa que as crianças não apenas internalizam a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e a mudança cultural (CORSARO, 2009, p. 31).

Goliche: por fim, apresentamos um episódio de interação que, apesar de muito simples, exemplifica a dinâmica empregada nas mediações do PBMR. O Projeto estabeleceu um canal de escuta permanente com as crianças e adolescentes, a fim de aproximar os jogos e as brincadeiras dos seus interesses, expectativas e possibilidades. O episódio em cena é o “Goliche”, que, como o próprio nome sugere, é a junção do boliche com o futebol. Essa junção foi proposta pelos participantes do PBMR, para tornar o jogo de boliche mais motivante e atraente para eles.

Assim como o episódio passado, o “Goliche” ocorreu dentro da temática

“jogos e brincadeiras com novas tecnologias”. Nessa temática foram articuladas, como sinalizado anteriormente, as dimensões virtuais e corporais e as experiências lúdicas foram vivenciadas nos ambientes virtual e físico. O boliche foi um dos jogos vivenciados. No ambiente virtual, esse jogo ocorreu com muito entusiasmo e empolgação. Os recursos audiovisuais, somada à competição proposta pelo jogo eletrônico (Nintendo Wii), mobilizaram a atenção e o interesse dos participantes. Contudo, quando foi praticado corporalmente, o boliche não despertou o mesmo interesse.

Diante da monotonia e da apatia dos participantes, os gestores do PBMR lançaram o seguinte desafio: o que podemos fazer para tornar o jogo mais legal? Inúmeras sugestões foram apresentadas e, num processo de consenso fundado, os participantes chegaram à conclusão de que unir o boliche ao futebol tornaria o jogo mais interessante. Nesse sentido, além do *strike* nos pinos de boliche, os participantes também tiveram que efetuar o gol em uma trave, que estava localizada atrás dos pinos. Isso tornou o jogo mais dinâmico e excitante e, a cada gol com *strike*, os gritos de gol eram emitidos com comemorações efusivas que se assemelhavam às dos jogadores de profissionais de futebol. O entusiasmo e a vibração repercutiram pela ACACCI e atraíram várias crianças e adolescentes que não estavam envolvidos nessa brincadeira.³ Diante dessa demanda, os gestores do PBMR formaram equipes e o “Goliche” foi vivenciado no formato de gincana, trazendo uma tarde de alegria e diversão para os envolvidos.

Para Sarmiento (2013), as crianças não devem ser concebidas como seres em transição, como “um vir a ser”, cuja valorização da opinião ocorrerá apenas na adultez. Para o autor, a criança precisa ser considerada como um “ser-que-é”, sujeito de direitos, com condições de protagonizar suas relações sociais, bem como ser capaz de transformar a realidade dada, a partir do seu modo peculiar de enxergar o mundo. Assim, as crianças e adolescentes não devem ser comparados com os adultos pelas suas incompletudes, mas devem ser vistos em relação a eles pela sua alteridade.

A experiência do “Goliche” enfatizou a importância da cultura de pares na produção cultural das crianças e dos adolescentes. Corsaro (2009, p. 32) define *cultura de pares* como “[...] um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com os seus pares”. O processo criativo e inventivo é potencializado quando crianças/adolescentes têm a oportunidade de interagir e ressignificar os produtos culturais que lhes são apresentados. Portanto, viabilizar espaços e tempos para que o diálogo entre eles seja realizado é condição imprescindível para o reconhecimento

3 Ao considerar a possibilidade de escolha, as crianças e adolescentes acolhidos pela ACACCI também têm a liberdade de não brincar, caso esse seja o seu desejo e opção.

e valorização de suas produções culturais.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao lidarmos com crianças e adolescentes enfermos, devemos enxergar, para além da doença, as possibilidades, interesses e necessidades desses sujeitos. A enfermidade não anula as suas capacidades de pensar e agir sobre si, sobretudo, no que tange ao seu inalienável direito de brincar. O pior olhar que lançamos sobre eles é aquele que só enfatiza as suas limitações e restrições, colocando-os na condição de anomia social. Crianças e adolescentes que enfrentam a enfermidade são capazes de realizar muitas coisas. Porém, é necessário desenvolver uma escuta sensível e um olhar atento para captar as pistas e indícios deixados por eles, que revelam formas peculiares de se relacionarem com as manifestações da cultura lúdica infanto-juvenil.

Nesse sentido, as práticas cotidianas configuram-se como fontes privilegiadas para compreender os sentidos que crianças e adolescentes atribuem aos jogos e as brincadeiras. As experiências acumuladas no PBMR sinalizam que a postura reativa assumida pelos adultos permitiu uma aproximação menos invasiva e expansiva por parte deles, contribuindo, dessa forma, para aquisição da confiança e respeito dos participantes, além do acesso às suas culturas de pares.

Por fim, ressaltamos que para além das contribuições dos jogos e das brincadeiras para adesão ao tratamento, cuja prática é externamente orientada, essas manifestações lúdicas também se constituem como importantes caminhos para consolidar experiências autorais e autônomas de crianças e adolescentes em tratamento oncológico. Reconhecer e valorizar essas experiências são percursos que contribuem para restituir, pelo menos nos momentos lúdicos, um pouco do controle sobre as suas próprias vidas.

REFERÊNCIAS

AZEVÉDO, A. V. S. O brincar da criança com câncer no hospital: análise da produção científica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 28, n.º 4, p. 565-572, 2011.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

BRASIL. Lei n. 8.069 de julho de 1990. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente. **Diário Oficial da União**, Brasília, 13 de jul. 1990.

BRASIL. Lei nº 11.104 de março de 2005. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. **Diário Oficial da União**, Brasília, 21 de mar. 2005.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Lisboa: Cotovia, 1990.

CARVALHO, T. G. P. et al. O olhar do paciente sobre o câncer infanto-juvenil e sua percepção acerca de seus sentimentos e emoções diante do videogame ativo. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 413-426, abr./jun. 2018.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: a arte de fazer**. 22. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

CORSARO, W. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 443-464, maio/ago. 2005.

CORSARO, W. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MULLER, F.; CARVALHO, A. N. (org.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009.

CORSARO, W. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DEPIANTI, J. R. B. et al. Percepções de enfermagem sobre os benefícios da ludicidade nas práticas de cuidado à criança com câncer: um estudo descritivo. **Revista Brasileira de Enfermagem online**, v. 13, n. 2, p. 158-165, 2014. Disponível em: <<http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/issue/view/45/showToc>> Acesso em: 10 fev. 2020.

DI FELICE, M. As redes e as dimensões tecnocolaborativas do social. In: CARRASCOZA, J. A.; ROCHA, R. M. (org.). **Consumo midiático e culturas da convergência**. São Paulo: Miró Editorial, 2011, p. 100-127.

FANTIN, M. Mídia-educação no ensino e o currículo como prática cultural. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 2, p. 437-452, maio/ago. 2012

FINCO, D.; OLIVEIRA, F. A sociologia da pequena infância e a diversidade de gênero e de raça nas instituições de educação infantil. In Faria, A. L. G., Finco, D. (org.). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011.

FREIRE, J. B. **O jogo: entre o riso e o choro**. 2. ed., Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

IBIAPINA, I. M. L de M. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

INCA. **Programas de Residência Multiprofissional em Oncologia e Residência em Física Médica: plano de curso** / Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva – 2. ed. rev. atual. – Rio de Janeiro: Inca, 2017.

PEDROSA, M. I.; CARVALHO, A. Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, p. 431-442, 2005.

REDIN, M. M. Crianças e suas singularidades. In: MULLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009.

SARMENTO, M. J. A Sociologia da Infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In: ENS, R. T.; GARANHANI, M. C. **Sociologia da Infância e a formação de professores**. Curitiba: Editora Champagnat, 2013. p. 13-46.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

TOLOCKA, R. E. et al. Brincar e crianças com câncer: que relação é esta? **Licere**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 421-444, mar/2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptações corporais 182, 188

Adolescentes 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 23, 25, 26, 38, 40, 41, 42, 43, 51, 52, 53, 88, 95, 96, 98, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 118, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 145, 147, 262, 264, 265, 270, 272

Aptidão física 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 89, 141, 142, 145, 146, 151, 154, 155, 156, 159, 167, 168, 194, 204, 239

Aquathlon 149, 151

Atividade física 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 14, 25, 26, 41, 42, 43, 51, 52, 53, 55, 67, 140, 141, 145, 146, 147, 149, 151, 152, 158, 164, 165, 166, 167, 171, 173, 178, 180, 181, 186, 187, 188, 194, 196, 198, 199, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 210, 211, 212, 213, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 235, 236, 238, 239, 251

Atividade motora adaptada 55

B

Brincadeiras 32, 34, 35, 36, 38, 40, 52, 57, 81, 101, 103, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 142, 268

C

Circo 78, 79, 81, 83, 84, 85, 86

Comportamento sedentário 41, 52, 151, 225, 242

Comunidades tradicionais 229

D

Dança 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 81, 82, 103, 172, 176, 177, 179, 235, 236, 239

Deficiência visual 55, 56, 57, 58, 67

Desempenho cognitivo 262

Desenvolvimento infantil 26, 72

Desenvolvimento motor 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 32, 36, 37, 38, 52, 53, 88, 93, 95, 141, 146, 147, 151, 247

E

Educação física 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 14, 16, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 48, 53, 55, 57, 58, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 93, 94, 97, 104, 115, 116, 120, 124, 129, 130, 140, 142, 144, 146, 147, 150, 152, 155, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 188,

204, 206, 210, 228, 232, 241, 242, 243, 245, 247, 248, 251, 261, 263, 265, 266, 267, 268, 271, 273

Educação física escolar 31, 37, 41, 42, 53, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 78, 81, 85, 86, 87, 88, 90, 124, 247, 248, 263, 265, 273

Educação infantil 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 88, 138, 265

Envelhecimento 171, 172, 178, 180, 202, 203, 204, 205, 214, 216, 218, 219, 224, 227, 228, 237, 253, 254, 255, 258, 259, 260

Escolares 1, 5, 10, 14, 23, 24, 26, 27, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 47, 51, 52, 53, 80, 265

Esporte de base 96, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 112, 113, 122

Estágio 20, 21, 22, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 38, 50, 53

Estudantes 3, 4, 5, 6, 7, 80, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 251, 252, 262, 265

Exercício físico 51, 53, 186, 187, 192, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 204, 205, 211, 218, 219, 225, 235, 246, 249, 250, 251, 256, 273

F

Funcionalidade 168, 253

G

Ginástica artística 87, 88, 90, 93, 94, 95, 120

H

Hidroginástica 103, 148, 149, 150, 151, 177, 178

I

Idosos 55, 149, 150, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 238, 239, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 264

Inatividade física 2, 202, 203, 205, 210, 214, 218, 228, 242, 245, 246, 251

Inclusão 4, 19, 26, 38, 42, 55, 64, 66, 70, 96, 99, 100, 104, 112, 114, 123, 124, 142, 151, 176, 195, 205, 219, 225, 243

J

Jogos 2, 32, 34, 35, 36, 38, 40, 42, 52, 57, 65, 73, 74, 80, 81, 101, 103, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 139, 141, 142, 161

L

Lutas 42, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 102, 103

M

Manifestações religiosas 230

Maturação sexual 39, 40, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 52, 53

Mialgia 192

Militares 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 168

Mini-tênis 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145

Músculo 12, 184, 253, 255, 256, 257

N

Natação 103, 111, 112, 120, 123, 148, 149, 150, 151, 152

P

Políticas públicas 70, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 114, 115, 118, 122, 123, 124, 125, 187

Práticas corporais 58, 77, 78, 103, 251, 265

Processo evolutivo 182, 183, 184, 187

Produções culturais 126, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 137

Psicomotricidade 30, 34, 37, 87, 88, 94, 95

Q

Qualidade de vida 2, 26, 53, 67, 149, 151, 152, 153, 155, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 178, 200, 211, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 231, 232, 238, 239, 241, 243, 251, 253, 255, 258, 273

S

Salto vertical 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

Serviços de saúde escolar 26

Smartphone 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 23

T

Trabalhador 159, 164, 192, 200

Treinamento de força 186, 253, 257, 258, 260, 273

V

Violência 40, 72, 163, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272

 **Atena**
Editora

2 0 2 0